



A HERMENÊUTICA DO PODER COM FOUCAULT POR MEIO DA DIALÉTICA DE HEGEL E CONTRADIZENDO DILTHEY: UMA PROPOSTA EDUCATIVA COM A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

THE HERMENEUTICS OF POWER WITH FOUCAULT THROUGH HEGEL'S DIALECTIC AND CONTRADICTING DILTHEY: AN EDUCATIONAL PROPOSAL WITH HUSSERL'S PHENOMENOLOGY

DOI: 10.5281/zenodo.15874089



Fábio Liborio Rocha¹

Eli Siqueira Alves²

José Roberto Pereira dos Santos³

Luiz Claudio Hipólito Valeriano⁴

-
- 1 Pós-doutor em Psicologia pela UNB, psicanalista e historiador pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pesquisador Associado do Observatório Brasileiro de hábitos alimentares - OBHA, Fundação Oswaldo Cruz de Brasília. Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9888-1077> E-mail: liborio.fabio@gmail.com
 - 2 Ph.D. Engenharia e Modelagem Industrial - Aix-Marseille III Université /ULSH/Paris – França (regime cotutela - 2008/2012). Master D' Études Complémentaires. M.Sc. Ciências e Engenharia – UFAM (1996/1998). Especialização em ESG - UFSM/FETAGRI (1994). Formação em Administração de Sistemas - UFRRJ (1992). Graduação complementar em Engenharia Industrial (UTAM). Fez residência acadêmica na Moscow State University (MSU), pesquisador associado na Academia de Ciência da Rússia.
 - 3 Doutor em Educação pela Universidade Federal de Alagoas.
 - 4 Doutor em Saúde Pública, Universidade Universus Veritas Guarulhos - Univeritas UNG, Mestre em Educação, Docente da Faculdade do Futuro Manhuaçu, MG Brasil. Email: PhD.claudio@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7886898027926769>
<https://orcid.org/0000-0002-0803-1683>





Resumo

Nosso objetivo no presente artigo será o de pensar o desenvolvimento da hermenêutica como uma abordagem metodológica na filosofia e nas ciências humanas. A virada crítica da investigação do biopoder em Foucault sugere que nas instituições jurídicas e educacionais, os processos sociais permitem que a liberdade individual seja regulada pelo Estado. Por meio de análises fenomenológicas descobrimos que o caminho patológico da modernização na sociedade atual se deu com uma importante regulação da produtividade que foi acelerada, causando um sofrimento psíquico como comorbidade do individualismo da pós-modernidade. Podemos visualizar uma ambiguidade de interpretação, através de um consenso dialético fortalecido sobre a ideia de verdade que se encontra na própria proposta de Hegel. A teoria de Hegel implica em que a pessoa inicia a vida social no Estado pelo sistema educacional e acaba por adquirir princípios éticos. Contudo o Estado pode conferir benefícios que a maioria das pessoas deseja, mas possui a ambiguidade de possuírem instituições opressoras. Embora estivesse interessado em compreender a história, Dilthey queria manter uma distância de Hegel. Nossa proposta encontra resultados na fenomenologia de Husserl, por meio da ideia de que é um atributo essencial da subjetividade consciente da pessoa, que ela pode adotar livremente diferentes atitudes em relação ao mundo, tais como a atitude teórica, a atitude psicológica, a atitude matemática, a atitude estética, e mesmo a atitude científica.

Palavras-chave: Educação; Foucault; Hegel; Husserl; Dilthey

Abstract

Our objective in this article will be to think about the development of hermeneutics as a methodological approach in philosophy and in the human sciences. The critical turn of Foucault's biopower investigation suggests that in legal and educational institutions, social processes allow individual freedom to be regulated by the state. Through phenomenological analyses, we discovered that the pathological path of modernization in today's society occurred with an important regulation of productivity that was accelerated, causing psychic suffering as a comorbidity of the individualism of post-modernity. We can visualize an ambiguity of interpretation, through a strengthened dialectical consensus on the idea of truth that is found in Hegel's own proposal. Hegel's theory implies that the person begins social life in the State through the educational system and ends up acquiring ethical principles. However, the State can confer benefits that most people want, but has the ambiguity of having oppressive institutions. Although he was interested in understanding history, Dilthey wanted to keep a distance from Hegel. Our proposal finds results in Husserl's phenomenology, through the idea that it is an essential attribute of the person's conscious subjectivity, that he can freely adopt different attitudes towards the world, such as the theoretical attitude, the psychological attitude, the mathematical attitude, the aesthetic attitude, and even the scientific attitude.

Keywords: Education; Foucault; Hegel; Husserl; Dilthey

Introdução





Propomos este artigo, ao objetivo de estudar a Ética e suas implicações nas áreas educacionais, tecnológicas, sobretudo a bioética, tendo como *locus* a manipulação genética, visando caracterizar o limite de liberdade que possui uma pessoa nestes finais da pós-modernidade societal. Que noção temos hoje de bioética? Buscamos defender a autonomia individual de escolha de cada indivíduo, sobretudo na Educação. Não nos parece que o nosso objeto em questão seja o do problema entre o artificial e o natural, e seria simplista de nossa parte restringir a bioética, no que se refere a manipulação genética, a uma questão ontológica e binária. Porém, o que é artificial? Artificial segundo uma concepção *estrito censo*, seria o "não natural", o "dissimulado, o disfarçado, fingido". Mas sabemos, não existe mais nada de natural na civilização, tudo é construído e recalcado dezenas de vezes; a própria floresta amazônica está sendo humanizada, desnaturalizada.

A polêmica sobre o que é ilícito no ato de interferir por meios artificiais sobre a natureza da pessoa fez surgir novos paradigmas éticos tais como: a bioética deontológica, a bioética legal ou *bio-jus* e a nossa proposta, a bioética filosófica onde se procura compreender princípios e valores éticos e estéticos que estão na base das reflexões e das ações humanas. E é exatamente aqui que entra em cena a educação, a pedagogia proposta por Husserl (1965, p.130). Ele diz:

“(...) Every great philosophy is not only a historical fact, but in the development of humanity's life of the spirit it has a great, even unique teleological function, that of being the highest elevation of the life experience, education, and wisdom of its time. Let us linger awhile over





the clarification of these concepts. Experience as a personal habitus is the residue of acts belonging to a natural experimental attitude, acts that have occurred during the course of life. This habitus is essentially conditioned by the manner in which the personality, as this particular individuality (...)"

Vamos então nesta reflexão, comparar as diversas teorias filosóficas para pensar a estética, a educação, o biopoder, a dialética e por fim, a fenomenologia de Husserl.

1. Teorias e métodos

Gil (2008)⁵, nos convida a perceber o método comparativo para refletir por diferentes matizes educacionais, filosóficas e fenomenológicas. Com efeito, epistemológico, começamos a comparar a fala sobre a liberdade em Foucault (1987, p.332), que pensava a prisão com todas as suas determinações, ligações e efeitos extrajudiciários, acabam por limitar a liberdade do corpo. Ele enxergava a prisão como um recurso de recuperação das disciplinas violentas e das vigilâncias exageradas; a mesma prisão, tal como funcionara num regime panóptico. Foucault ademais dizia que as pessoas que fogem ao padrão moral ou de beleza corporal são chamadas de anormais, de monstros. Vejamos sua descrição por Michel Foucault (2001, p.101):

5 Antonio Carlos Gil (2008, p.176) nos explica que: "(...) A principal ferramenta intelectual é a comparação. Os procedimentos comparativos são usados nos mais diversos momentos do processo de análise. Os dados obtidos, por sua vez, podem ser comparados com modelos já definidos, com dados de outras pesquisas e também com os próprios dados. Esta comparação é que possibilita estabelecer as categorias, definir sua amplitude, sumariar o conteúdo de cada categoria e testar as hipóteses (...)".





“(…) O indivíduo monstruoso do ponto de vista das regras das espécies naturais e do ponto de vista das distinções das espécies naturais era, senão sistemática, pelo menos virtualmente, sempre referido a uma criminalidade possível. Depois, a partir do século XIX, veremos a relação se inverter, e haverá o que poderíamos chamar de suspeitas sistemática de monstruosidade no fundo de qualquer criminalidade (...)”.

O método dialético de Hegel pode nos ajudar a compreender Foucault e a sua biopolítica e este biopoder da monstruosidade. Concretamente, Hegel atribui a *Gewalt* (uma força) um poder limitado na vida política interna. Ainda assim, uma pessoa com liberdade e vontade próprias não pode ser forçada a fazer coisas que não quer fazer. Um cidadão é iniciado no Estado pela educação e pelos costumes da vida ética, algo que acreditamos, e tão caro a formação de Dilthey, o supracitado pedagogo alemão. Dilthey (2008), percebeu que a psicologia criava paradigmas desnecessários ao desenvolvimento educacional da pessoa, que não se encaixavam em um conceito fechado de normal e de patológico. Mas também atribuir monstruosidade às diferenças, é um perigoso costume, mesmo epistemológico, como Foucault nos demonstrou, mesmos nas ciências humanas ou na psiquiatria. Ou seja, uma pessoa pode estar em sociedade e ser considerada imperfeita ou bela, ou inteligente ou improdutivo, e foi isso que chamamos em nossa tese, de questão também estéticas, por serem medidas, *meson*⁶. Tal fenomenologia é nos explicada em Dilthey (2008, p.60):

“(…) Se considerar como se apreende qualquer distância espacial, qualquer distância tonal, qualquer gradação de cinzento, num acto mental que é

6 Ver: Meson, mesotes: meio. (1). Metabole: mudança. (1). Metaphysiká. Plural neutro de metaphysikos: metafísica. Latim: metaphysica. (2). Metaxy: meio, intermediário. Link: <https://sites.google.com/search/sbgdicionariodefilosofia?query=meson&scope=site&showCloudSearchTab=false>





inseparável da posse conjunta das sensações, desvanecer-se-á a falsa oposição entre ensino intuitivo e desenvolvimento mental, que até hoje desempenha um papel tão grande nas leis da pedagogia e nos tratados pedagógicos práticos. As grandes conexões permanentes em que se move a nossa inteligência podem analisar-se em partes e processos elementares. Ao revelarem-se autonomamente mutáveis, os conteúdos e os seus enlaços separam-se uns dos outros. Antes de mais, isto não quer dizer algo diferente do facto de que também na sensação distinguimos assim a qualidade e a intensidade (...)

Assim, não inventamos tal conceito; trata-se antes de um único exemplo do elenco das expressões hegelianas as quais chamara de *mittleren Begriffe*, ou seja, “conceitos mediadores” que eliminam as antíteses, possibilitando a dialética e o nascimento da universalidade. Portanto, em Hegel, a estética clássica não ultrapassa o domínio puro do verdadeiro ideal, mas ultrapassa o natural, ficando estabilizada dentro de uma dialética, mas lembrando que a para Hegel, a estética evoca uma emoção, que é similar a sensação, indicada acima por Dilthey (2008, p.60). O filósofo alemão apresenta a beleza clássica como resultado de que esta pode não aprofundar nem reabsorver a oposição que está na base do *Absoluto*, ignorando uma oposição individual como personalidade abstrata qual poderia atentar contra a moralidade e o mal, resultados da duplicidade espiritual e sensível. Passaremos agora a investigar um pouco o conceito estético em Hegel, segundo Knox (1937, p.80):

“(...) Hegel did not banish the beauty of nature from the realm of aesthetic in order to make provision for a hedonistic or, as Tolstoy did, for a moralistic theory of art. His evident intention was to elevate, and not to degrade art. He goes on, therefore, to inveigh against the conception of art as a superfluous luxury or as a moralistic-pedagogic instrumentality. To the theory of art as sheer amusement, he retorts: "For in human Art we are not merely dealing with playthings, however pleasant or useful they may be, but with the liberation of the human Spirit from the sub-stance and forms of finite condition" (IV, p. 349). He is equally averse to any theory which would transform art into a homily, or a tool useful in the realization of an extraneous and independent end. He writes: "A work of art would in that





case be merely a useful instrument in the realization of an end which possessed real and independent importance outside the realm of art" (...)"

Portanto em Hegel, a estética clássica não ultrapassa o domínio puro do verdadeiro ideal, ficando estabilizada por meio de sua estética. Podemos conceber tal conceito na obra *The Aesthetic Theories of Kant, Hegel, and Schopenhauer*, de Israel Knox (1937). A questão bioética é uma questão estética pois os padrões de beleza encabeçam sistemas jurídicos sobre a corporeidade, e percebemos que tendemos no mundo atual a conceber uma estética do mais forte, como uma estética do belo, dentro mesmo de sua filologia desta palavra. Podemos transferir tal axioma para a Educação, para a pedagogia, nestes termos de Husserl, segundo Rubene (2008, p.104):

"(...) Husserl speaks about. A new and intimate community, "a community of ideal interests," cultivated among men—men who live for philosophy, united in their dedication to ideas, which ideas are not only of use to all but are identically the property of all,⁴ he speaks about our reading and writing habits, an educational culture already in crisis. An understanding of space and time occupies the very heart of the discussion of various contemporary problems of education and life. In this regard we are in debt for a new, subtler philosophy of space and time to the phenomenology of Husserl. The Husserlian stress on "freedom from presup positions" as a principle in epistemological investigations helped him to "shed light on the Idea of knowledge in its constitutive elements and laws."⁵ In this chapter, I outline certain aspects important for the Husserlian project of renovation of transcendental aesthetics in a reflection upon the "living present." Our life is placed in time and space, technologically supported measurement of which allows us to distinguish between objective and lived time (...)"

Talvez tenhamos que pensar a didática como uma fenomenologia da pessoa, estudante, como um axioma, no sentido do que Husserl propõem. Ou seja, a imperfeição é parte do





processo interno e externo da escola, e da pessoa ao mesmo tempo; a inteligência também o é, mas como uma interface.

2 O Biopoder exposto por Foucault

Buscamos em Foucault, na sua obra "*Em defesa da sociedade*", subsídios teóricos para pensar a problemática entre ética, sociedade e biopolíticas. Quando Foucault (1999, p.293) pensa: "(...) A biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder (...)" ⁷

Nesse sentido, ele pensa na interferência dos níveis de poder em relação ao destino humano, onde o indivíduo é a um só tempo manipulado, político e fisicamente. Por isso Foucault (1999, p.293) também considera que: "(...) vai ser preciso modificar, baixar a morbidade; vai ser preciso encompridar a vida; vai ser preciso estimular a natalidade (...)".⁸

Ele propõe então uma anátomo-política, ou seja, uma interação entre o poder, sociedade e corpo, porque o indivíduo não tem controle sobre uma possível legislação que possa ocorrer para agir em relação ao próprio corpo. Se no futuro próximo a biologia puder patentear a cor do olho humano comercializando o direito de produzir por exemplo, órgão internos, teremos uma questão ética urgente para solucionar. Os biólogos já começaram há muito tempo, a conceber a possibilidade de aplicar a genética à transformação das normas da

73 FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.293.

8 4 idem.





espécie humana. Essa problemática percebida por Canguilhem (1990), nos remete aos idos de 1910.⁹ As primeiras conferências de H. J. Müller, geneticista famoso, por experiências de mutações provocadas sobre as obrigações sociais e castradoras e da pessoa na pós modernidade: "Intervir sobre si mesmo a fim de se elevar, de modo geral, ao nível intelectual mais alto, isto é, em suma, a obrigação de vulgarizar o gênio por meio da eugenia".¹⁰ E preciso dizer que não concordamos com este espírito manipulador, da tecnologia a qualquer preço, advinda de sistemas políticos autoritários, cujos perigos estarão sempre presentes com o fantasma passado do nazismo.

3. Existe uma bioética segura na pós modernidade?

Mas será que este projeto é viável diante do pensamento ético contemporâneo? Pensamos que não, aliando-nos ao pensamento de Luís de Araújo (1992, p.115)¹¹, quando afirma em um de seus pressupostos:

"(...) Neste sentido, embora recusando as ideologias emergentes do biologismo contemporâneo, não deve haver hesitação em promover uma acentuada articulação entre a Biologia e a Ética, capaz de suscitar o aperfeiçoamento da própria existência social dos seres humanos (...)"

9 CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990, p.232.

10 Idem.

11 ARAÚJO, L. **A ética como pensar fundamental**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1992, p.115.





Percebemos que a Ética se preocupa bastante com questões biológicas que estão na ordem do dia do debate social. Pensamos que os parâmetros éticos oscilam, são versatilidades na fenomenologia pós-moderna atual. Essa noção de pessoa, obrigatoriamente associada ao racional, se encontra em crise, por um sistema de deveres infinitos, mas também porque somos seres de afetos, desejan-tes de miríades de objetos. Por essa razão, Hannah Arendt (2000, p.103), relata uma afirmação do cientista Van Holst, onde afirma que: " Nossa existência na era da técnica está ameaçada não porque sejamos seres dotados de entendimento, mas sim porque somos, além disso, seres total e originariamente instintivos".¹²

Segundo Hannah Arendt, a definição humana de *animal rationale*, prevê um conflito inseparável entre o instinto e a razão.¹³ Por isso a pessoa produz através da ciência, práticas perigosas para a sociedade, não sabendo o que fazer com o produto desse conhecimento. Porém o poder que essa tecnologia possibilita continua inabalado. O saber científico possui um ritmo e velocidade divergente, a nível de regulação da vida ética.

Considerações finais

Os desafios biocientíficos fornecem um caos social importante, já nos alertara Husserl. Portanto, afirmamos que os métodos da ciência podem ser eles próprios considerados como objetos de ciência, pedagógicos.

12 ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000, p.103.

13 Idem, p.47.





Relacionar sistemas de saber científico com as propostas sociais de Foucault, de respeito aos direitos individuais do cidadão, são ferramentas eficientes para entendermos os diversos níveis de como a manipulação genética depende de ações governamentais, levando a ética a pensar no indivíduo e as prováveis consequências que pode sofrer. Pensamos nos diversos paradigmas presentes nesta nossa tabela abaixo:

Proposta	Discurso	Poder	Norte
MANIPULAÇÃO GENÉTICA	Mapeamento e/ou modificação	Institucional	Coercivo / Biopoder Patológico e/ou estético
BIOÉTICA	Disciplinar	Ético / moral	Diálogo Regulamentação
FOUCAULT	Sistemas de pensamento	Bio-regulamentação	Arqueológico Filosofia da Ciência

Concordamos com Foucault sobre o horror que seria uma Educação opressiva, mas a liberdade de Husserl, mercê algumas balizas norteadoras que precisam ainda, de fundamentação teoria para aplicá-las. E vemos o mesmo axioma em sua crítica à psicologia e a Educação, onde Hegel, temos certeza, serviu de intérprete para todos estes paradigmas que ainda acontecem hoje, na nossa pós-modernidade. Husserl estava certo, a crise da Educação fenomenológica, ou seja, é individualizada dentro de todos nós.

Referências bibliográficas:

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: ed. Relume-Dumará, 2000.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. jul/ago/set. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



ARAÚJO, L. **A ética como pensar fundamental**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1992.

BADIOU, Alain. **Ética - um ensaio sobre a consciência do mal**. Rio de Janeiro: ed. Relume-Dumará, 1995.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1990.

DILTHEY, Wilhelm. **Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica** Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, Coleção: Textos Clássicos de Filosofia, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martin, Fontes, 2001.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HUSSERL, Edmund. **Phenomenology and the crisis of Philosophy**. London: Harper Torchbooks, 1965.

INWOOD, Michael. **A Hegel Dictionary**. UK: The Blackwell Philosopher Dictionaries, 1999.

KNOX, Israel. **The Aesthetic Theories of Kant, Hegel, and Schopenhauer**. New York: Columbia University Press, 1937.

MORAN, Dermot & COHEN, Joseph. **The Husserl Dictionary**. London: Continuum International Publishing Group, 2012.

RUBENE, Mara. **“Distance Education “Here” and “Now” - Rereading The Transcendental Aesthetics of Edmund Husserl”**. EUA: Springer Dordrecht, 2008.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



Recebido em: 14/05/2025

Aprovado em: 28/06/2025

Publicado em: 13/07/2025

